

O IMPACTO DO CONSERVADORISMO GLOBAL SOBRE A COOPERAÇÃO SUL-SUL

Aluno: Francisco Veras¹

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Rocha de Siqueira

1. Introdução

O presente trabalho tem como proposta principal avaliar uma possível oportunidade para que a Cooperação Sul-Sul (CSS), a partir do BRICS², possa intensificar sua participação na cooperação internacional para o desenvolvimento. A CSS é uma modalidade de cooperação realizada por países em desenvolvimento para países em desenvolvimento, que se difere da Cooperação Norte-Sul, praticada pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), rotulados como países desenvolvidos.

A mencionada oportunidade se apresentaria devido à hipótese da existência de uma nova onda conservadora global, que por sua vez estaria minando e provocando quedas na cooperação tradicional realizada pelos países da OCDE. Essa onda conservadora se basearia em retóricas nacionalistas e protecionistas, que colocam os interesses domésticos, tanto políticos como econômicos, em primeiro lugar, o que pode prejudicar os esforços da ajuda para o desenvolvimento.

Uma grande parte das fontes utilizadas são provindas de análises de jornais, muito importantes para definir o novo conservadorismo global e identificar tendências futuras para a cooperação internacional para o desenvolvimento. As plataformas de dados da OCDE também foram amplamente utilizadas para levantar diversas informações relevantes tanto da cooperação dos países da organização quanto da Cooperação Sul-Sul. Fontes oficiais dos governos dos países do BRICS foram consideradas para avaliar o aparato institucional da cooperação desses países, assim como as características e detalhes de projetos de cooperação. A contribuição de diversos autores foi também levada em conta para discutir sobre alguns aspectos teóricos gerais.

A pesquisa foi guiada da seguinte forma. Em primeiro lugar foi definido o que é o novo conservadorismo global a partir da análise de discursos provindo de quatro países membros da OCDE: Reino Unido, Suécia, Alemanha e Estados Unidos. Posteriormente, foi analisada a influência do novo conservadorismo global sobre o poder legislativo desses países, para averiguar o quão difundido está esse conservadorismo nos países citados. Em terceiro lugar foram avaliados os impactos do novo conservadorismo global sobre a cooperação realizada pelos países da OCDE, tendo como base os quatro países-exemplos. Depois, a Cooperação Sul-Sul ganhou destaque a partir da análise dos fluxos de ajuda, aparato institucional, setores e destinos da ajuda, tendo como base o Brasil, Índia, China e África do Sul, todos países do BRICS.

¹ É importante ressaltar que o atual aluno bolsista CNPQ se baseou no trabalho deixado por Paulo Henrique Pulcherio Filho, ex-receptor da bolsa e orientado pela mesma orientadora dentro do atual projeto, visto que Francisco Veras entrou como substituto já no final da pesquisa. Assim, o trabalho feito por Paulo Pulcherio é de fato o que compõe esse relatório anual.

² Grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Por fim, será apresentada uma consideração sobre as reflexões da pesquisa, incluindo, principalmente, a observação de que a Cooperação Norte-Sul não apresenta recuo de investimento em AOD, mas sim aumento em algumas áreas, assim como uma avaliação geral da possível oportunidade para a CSS de intensificar sua participação na cooperação internacional para o desenvolvimento.

2. O Novo Conservadorismo Global

O sistema internacional passa por um momento no qual uma nova onda, a qual se pode chamar de o novo conservadorismo global, pode afetar várias dinâmicas da política internacional, principalmente a cooperação internacional para o desenvolvimento. É possível perceber diversos partidos políticos clamando por mais relevância ao redor do globo. Nos Estados Unidos, subiu ao poder o presidente eleito Donald Trump e sua retórica conservadora e protecionista, traduzida pelo famoso “*America First*” [1]. No Reino Unido, o *Brexit*, liderado pela primeira ministra Theresa May, também obteve sucesso. Na Suécia, o Democratas Suecos, um partido anti-imigração, vem demonstrando um imenso ganho em popularidade. Na Alemanha, o Partido Alternativa para a Alemanha, também com uma plataforma anti-imigração, conseguiu pela primeira vez assentos no parlamento alemão nas eleições de 2017, se tornando de vez o terceiro maior partido em números de assentos [2].

Para definir o novo conservadorismo global e entender melhor quais são as suas características, três pontos principais serão analisados e que são considerados como seus três pilares: o populismo, o nacionalismo e o protecionismo.

2.1. Populismo

Noam Gidron e Bart Bonikowski [3] identificam três principais naturezas das definições de populismo. Primeiramente, o populismo pode servir como ideologia, estilo discursivo ou como estratégia política. Todas as naturezas do populismo, de certa forma, estão relacionadas umas às outras. O populismo é uma poderosa ferramenta de mobilização popular que, a partir da escolha de certas políticas populistas pelos seus proponentes – que é característica da estratégia política – estaria assim beneficiando e falando a favor da população – característica do estilo discursivo – assim antagonizando o “povo” e a “elite” – característica da ideologia. Essa grande mobilização popular parece ser uma forte característica do novo conservadorismo global, criando o apoio e o consenso para suas políticas. Percebe-se, contudo, que o antagonismo evidenciado não acontece apenas entre o povo e a elite, mas sim entre “nós” e “eles”. “Eles” podem diversos atores e eventos, de acordo com a conveniência, e que em última instância se transformam em “inimigos da nação”.

O discurso de posse de Donald Trump [1] nos Estados Unidos é um grande exemplo. O presidente angaria a simpatia de vários segmentos do eleitorado ao falar em favor da população que não se sentia ouvida pelo governo e ao citar inimigos da nação que estariam se beneficiando dos Estados Unidos ou impedindo os cidadãos estadunidenses de se beneficiarem. Estes vão desde a elite política corrupta dos Estados Unidos ao Islã radical.

Na Suécia, o líder do partido Democratas Suecos Jimmie Akesson [4] chama o eleitorado para que juntos consigam reconquistar a Suécia em nome da liberdade e da autodeterminação. Assim como Trump, Akesson cria inimigos - ora os imigrantes, ora a União Europeia – que põem em risco os ditos valores comuns da sociedade sueca.

Theresa May, primeira-ministra do Reino Unido, tem como inimigo criado o mais claro de todos: a continuidade da participação do Reino Unido na União Europeia. May conquista a simpatia do eleitorado ao anunciar que o caminho que o Reino Unido está tomando é também em prol da autodeterminação e da defesa da diversidade [5].

Na Alemanha, Alexander Gauland, importante político do Partido Alternativa para a Alemanha, diz que irá retornar o país ao povo. Além de colocar a política da chanceler alemã Angela Merkel como um próprio inimigo da Alemanha, o partido aponta outros fatores como os inimigos da nação, como o Islã e os refugiados, que não pertenceriam à Alemanha, sendo um grande perigo para a sociedade e valores alemães [6].

2.2. Nacionalismo

O nacionalismo é a expressão de pertencimento e identificação que um indivíduo tem a uma nação. Segundo Anderson, a nação é como uma comunidade política imaginada, onde laços são criados entre pessoas que nunca se viram, mas que em seu imaginário sabem que estão conectadas [7]. Appadurai [8] adiciona que o Estado-nação foi amplamente afetado pelas dinâmicas da globalização e deixado “sob cerco” devido ao aumento dos fluxos de imigrantes, capital, tecnologia, ideias e mídias de comunicação. Tendo como base essas definições, este trabalho identifica a exaltação de um ideário e de valores nacionais no novo conservadorismo global. Esta descontinuidade tem causas muito bem definidas, sendo os responsáveis os inimigos da nação citados anteriormente na questão do populismo. O projeto nacionalista ameaçado está relacionado à coesão doméstica do Estado e à proeminência dos costumes e valores tradicionais daquele lugar.

Akesson, na Suécia, é um grande exemplo. Segundo ele, existem valores intrínsecos aos suecos, como por exemplo, na questão de gênero e na relação entre adultos e entre crianças. Este “jeito sueco”, segundo ele, está sendo ameaçado pela imigração no país, que em sua visão está sendo administrada irresponsavelmente [4].

No Reino Unido de Theresa May a defesa do nacional vem com sua constatação de que o Reino Unido é um país que se diferencia dos vizinhos europeus por ter sido um país internacionalista que sempre olhou para muito além da Europa. Não só a tradição internacionalista, mas também as próprias tradições políticas distintas diferenciam o país, como o fato de que o Reino Unido não tem uma Constituição escrita [5].

Nos Estados Unidos, Trump deixa claro que o país é uma nação que compartilha apenas um coração, um lar e um destino glorioso. Os inimigos criados que ameaçam a nação, como já citados, são muitos. O nacionalismo é bem evidenciado quando Trump diz “a partir deste momento, a América virá em primeiro lugar”, reforçando a importância que o nacional tem em relação aos atores externos e a preocupação com a coesão doméstica, além de exaltar os valores locais [1].

A defesa do nacional também é acontece na Alemanha. O próprio Alexander Gauland defende que os alemães devem “recuperar seu passado” e serem orgulhosos das conquistas militares alemães tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial. Segundo Gauland, os doze anos de nazismo não definem mais a identidade da Alemanha, e por isso não há problema em se orgulhar do passado [9].

2.3. Protecionismo

A outra frente que caracteriza o novo conservadorismo global - o protecionismo - tem estreitas relações com as questões da oferta de empregos e da riqueza nacional e vem junto de críticas ao livre comércio e à globalização, que estariam causando prejuízos às economias domésticas. Rodrik [10] argumenta que, com a globalização, o capital consegue ir para onde o trabalho está mais barato, mas não os trabalhadores. Para seguir contra essa tendência, o protecionismo se preocupa com a proteção dos setores produtivos nacionais, para que assim haja criação de empregos e o aumento da riqueza nacional.

O protecionismo está muito ligado ao nacionalismo e à base do novo conservadorismo global, o populismo. A criação dos inimigos e a defesa da nação são amplamente utilizadas

para justificar as políticas propostas. Donald Trump reconhece que várias fábricas deixaram os Estados Unidos em prol de produzirem em locais do globo que tem menores custos para que, assim, maximizem seus lucros. Porém, o fazem sem pensar nas consequências que causaram no seu próprio país, como deixar milhões de cidadãos norte-americanos sem emprego e redistribuir uma riqueza que a princípio deveria ser apenas dos Estados Unidos [1].

Segundo Theresa May, o *Brexit* é uma grande oportunidade para o Reino Unido, que poderá por si próprio definir as leis e as regulamentações mais apropriadas para proteger os direitos de sua força trabalhadora e para melhorar o desempenho econômico do Reino Unido [5].

Para a Suécia imaginada por Akesson, o caminho não é muito diferente do proposto por May. O próprio elogia o *Brexit* e diz que é, finalmente, um passo na direção certa e uma verdadeira expressão da vontade do povo [4].

Quanto à Alternativa para a Alemanha, a plataforma eleitoral do partido é contra o euro e a favor da restituição do marco alemão [11].

3. O Novo Conservadorismo Global no Poder Legislativo

Para evidenciar ainda mais a existência de um novo conservadorismo global, um olhar sobre as composições das câmaras legislativas dos países utilizados como exemplo neste trabalho é necessário. Para além da análise de discursos, este novo olhar permite observar se o novo conservadorismo está de fato ganhando espaço dentro do poder legislativo desses países e, dessa maneira, saindo da retórica dos líderes políticos para as políticas que podem se concretizar.

No Reino Unido, é possível observar o declínio do Partido Trabalhista quanto ao número de assentos na Câmara dos Comuns – de 412 (62,5%), em 2001, para 262 (40,3%), em 2017. O Partido Conservador, representante do novo conservadorismo global, por outro lado, aumentou o número de assentos de 166 (25,2%) para 317 (48,8%), considerando os mesmos anos³.

Na Suécia, o Democratas Suecos já existia nas eleições legislativas de 2002, mas só conseguiu assentos em 2010 – um total de 20 (5,7%). Em 2014, esse número aumentou para 49 (12,9%)⁴. A previsão é que, em 2018, o partido ocupe 18,4% dos assentos [12].

Nos Estados Unidos, o Partido Republicano, a qual o atual presidente estadunidense Donald Trump pertence, ocupava 178 assentos (41%) em 2008, aumentando para 241 (55%) em 2016. O Partido Democrata, por outro lado, caiu de 257 (59%) para 194 (45%) nos mesmos anos⁵.

Na Alemanha, o partido que representa o novo conservadorismo, o Alternativa para a Alemanha, passou a ser o terceiro partido com mais assentos na câmara legislativa alemã, contando com 94 assentos (13,3%) em 2017⁶.

4. A Cooperação da OCDE e O Novo Conservadorismo Global

Para averiguar o impacto do novo conservadorismo global sobre a cooperação dos países da OCDE, é preciso olhar para os fluxos da ajuda que saem dos países-exemplo citados para os países em desenvolvimento. Estes fluxos são chamados de AOD, que significa Ajuda Oficial para o Desenvolvimento e, por definição, cobrem todos os fluxos providos por agências oficiais dos países da OCDE que seguem duas regras principais: (1) o principal objetivo dos fluxos de ajuda deve ser a promoção de desenvolvimento econômico e de bem-estar para os países em

³ Dados do UK Parliament (<http://www.parliament.uk>).

⁴ Dados da Autoridade Eleitoral Sueca (<http://www.val.se>).

⁵ Dados do US Senate (<https://www.senate.gov>).

⁶ Dados do Federal Returning Officer (<https://www.bundeswahlleiter.de>).

desenvolvimento e (2) a ajuda deve ter caráter concessional, ao invés de, por exemplo, ser baseada em termos de mercado [13]. Uma importante semelhança entre os países citados como exemplo do novo conservadorismo global neste trabalho é que todos fazem parte da OCDE, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que tem como objetivo promover o desenvolvimento e o bem-estar ao redor do mundo [14].

4.1. Impactos na ODA⁷

Apesar da existência de uma nova onda conservadora global, a tendência que se é observada, à primeira vista, pelo menos até 2016, é que a AOD vem se expandindo nos últimos anos. Entre os países analisados, Alemanha e Reino Unido aumentaram seus fluxos de ajuda oficial consideravelmente, de 13,9 para 20,1 bilhões de dólares e de 11,8 para 24,4 bilhões de dólares, respectivamente. Os Estados Unidos e a Suécia tiveram bastante estabilidade e chegaram a 2016 com ligeiros aumentos nos fluxos (33,2 e 4,9 bilhões, respectivamente).

No entanto, é de extrema importância considerar alguns aspectos específicos da ODA. Há grandes controvérsias sobre se os gastos com refugiados dentro do próprio território de um país da OCDE deveriam, de fato, serem levados em conta como ODA, que por sua vez tem como principal objetivo a promoção de desenvolvimento econômico e de bem-estar para os países em desenvolvimento [15]. Se os países doadores aumentam seus respectivos fluxos reportados de ODA a partir de gastos com refugiados que se encontram dentro de seu próprio território, mas não também em outras atividades, o que acontece é que os recursos para os países em desenvolvimento que recebem a ajuda diminuem, assim os prejudicando. Em 2015, os gastos com refugiados dentro do território sueco representavam quase 34% de toda a ODA da Suécia. Já na Alemanha, subiu de 1%, em 2014, para 25% da ODA em 2016 – um quarto de toda a AOD da Alemanha foi destinada a refugiados dentro do território alemão, ou seja, dos 24,4 bilhões de ODA, apenas 18,3 bilhões foram, de fato, fluxos para países em desenvolvimento.

4.2. Setores e Alvos da ODA⁸

Quanto aos setores da ajuda, o setor de infraestrutura social é, sem dúvidas, o setor mais privilegiado pelos quatro países pesquisados. Dos Estados Unidos em 2015, 14,5 bilhões de dólares fluíram para este setor. Alemanha e Reino Unido seguiram trajetórias similares em seus respectivos fluxos – em 2015, os fluxos eram de 5,3 bilhões. A Suécia, por sua vez, dedicou para infraestrutura social cerca de 1 bilhão de dólares no mesmo ano. Após infraestrutura social, o setor que, em geral, recebe mais investimentos é o de infraestrutura econômica⁹. Neste setor, uma grande diferença é o protagonismo da Alemanha sobre os Estados Unidos, que vinha até agora dominando o topo dos gráficos. Os fluxos alemães eram de 4,7 bilhões em 2015, enquanto os estadunidenses eram de 1,6 bilhões – que por sua vez era o mesmo valor dos fluxos do Reino Unido. A Suécia manteve seus fluxos por volta de 200 milhões de dólares.

Quanto aos principais destinos da ODA, por parte dos Estados Unidos foi, de 2012 a 2015, o Afeganistão – os gastos, em 2012, eram de 2,8 bilhões de dólares e, posteriormente, caíram para 1,8 bilhões, em 2015. Outros destinos importantes são a Jordânia, o Quênia e o Paquistão. Os principais destinos dos fluxos de ajuda do Reino Unido são a Etiópia, o Paquistão,

⁷ Dados provenientes de umas das plataformas de dados da OCDE: <<https://data.oecd.org/>> para a ODA total e <<http://stats.oecd.org/qwids/#?x=1&y=6&f=4:36,2:1,3:51,5:3,7:2&q=4:1,36+2:1+3:51+5:3+7:1,2+1:9,10,21,23,24+6:2010,2011,2012,2013,2014,2015,2016>> para as considerações sobre gastos com refugiados dentro do próprio território.

⁸ Dados proveniente de uma das plataformas de dados da OCDE: <<http://stats.oecd.org/viewhtml.aspx?datasetcode=TABLE5&lang=en>>.

⁹ Envolve principalmente energia, transportes, comunicações, entre outros [16].

a Índia e a Nigéria. Para a Suécia, Afeganistão, Moçambique e Tanzânia são os principais destinos. Já para a Alemanha, os principais são China, Índia e Afeganistão.

4.3. Perspectivas para o futuro da ODA

Apesar da tendência positiva em relação à ODA, os efeitos concretos do novo conservadorismo global ainda podem estar por vir. O partido Democratas Suecos, na Suécia, vem desde 2010 apresentando novos orçamentos nos quais o dinheiro gasto com refugiados e com ajuda para o desenvolvimento são cortados. Em 2014, o plano era diminuir em 11 bilhões de coroas suecas (1,3 bilhão de dólares, aproximadamente) a ajuda nos quatro anos seguintes [17].

No Reino Unido, o Partido Conservador publicou um manifesto na qual anunciava que o governo não acreditava na efetividade das definições de ajuda para o desenvolvimento, isto é, as definições da OCDE. Dessa maneira, o governo tentará renegociar as regras sobre a ajuda para o desenvolvimento, de modo que o dinheiro dos impostos dos cidadãos britânicos seja mais bem gasto [18].

Nos Estados Unidos de Trump, a proposta de orçamento federal para 2018 traz números não muito bons para a ajuda internacional: uma queda de cerca de 30%, decaindo de 39,7 bilhões de dólares, referentes ao orçamento de 2017, para 28,2 bilhões de dólares para 2018 [1]. Alexander Gauland, membro do partido Alternativa para a Alemanha, argumentou que a ajuda deveria ser reduzida a zero para qualquer país que não cooperasse em bloquear fluxos de imigrantes para a Alemanha. Os países que ajudam a conter a chegada de imigrantes à Alemanha, por outro lado, teriam maiores fluxos de ajuda para o desenvolvimento [19].

5. A Cooperação Sul-Sul e O Novo Conservadorismo Global

Depois de analisada a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID) dos países da OCDE, é hora de analisar a Cooperação Sul-Sul. A OCDE liberou dados em um relatório acerca dos fluxos provindos de alguns países referentes à Cooperação Sul-Sul, mesmo que estes não façam parte do comitê. Entre eles, os países do BRICS se encontram como alguns desses provedores de ajuda que não reportam seus fluxos para a OCDE (com exceção da Rússia, que reporta). O BRICS é formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul e, segundo relatório da OCDE, entre os países que não reportam para a organização, os países do BRICS (com exceção da Rússia que, por outro lado, reporta) são uns dos mais significantes provedores de ajuda [20].

O Brasil possui dados apenas até o ano de 2013, sendo que o período de 2014 a 2016 está pendente ao lançamento do relatório COBRADI, que relata os números e as modalidades da cooperação brasileira para o desenvolvimento internacional. Em 2011, a OCDE estima que os fluxos de ajuda chegaram a um pico de 469 milhões de dólares, tendo diminuído para 411 milhões em 2012 e caindo ainda mais para 316 milhões em 2013. A Índia, por sua vez, em 2011, teve um fluxo de ajuda na casa dos 800 milhões de dólares. A partir daí os números aumentaram: 1,1 bilhão (2012), 1,2 bilhão (2013), 1,4 bilhão (2014) e, finalmente, 1,8 bilhão (2015). Quanto à China, a OCDE estima que os fluxos da cooperação chinesa, em 2011, estiveram na casa dos 2,8 bilhões de dólares, aumentando para 3,1 bilhões, em 2012, e depois diminuindo para 3 bilhões, em 2013. O pico aconteceu em 2014, com 3,4 bilhões em fluxos de ajuda, diminuindo em 2015 para 3,1 bilhões de dólares. Os números da China são os maiores entre os países do BRICS. A África do Sul, por outro lado, tem os menores números. De 2011 a 2013, os fluxos de ajuda se mantiveram em torno de 200 milhões de dólares. Em 2014, diminuiriam para 148 milhões e, finalmente, em 2015, caíram ainda mais para 100 milhões de dólares [20].

5.1. Cooperação Brasileira

Os principais destinos da ajuda, entre 2005 e 2010, foram Moçambique, Haiti e São Tomé e Príncipe [21]. O papel do Brasil como doador e a emergência de um reconhecimento internacional começaram em 2003, com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, que priorizou assuntos sociais na agenda de relações internacionais. Dessa maneira, até 2010, os gastos com a ajuda ao desenvolvimento aumentaram. Os gastos anuais da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o principal corpo executivo do governo brasileiro para a cooperação para o desenvolvimento, saíram de 240 mil dólares em 2004 para quase 22 milhões em 2010. No entanto, a sucessora de Lula, Dilma Rousseff, colocou mais prioridade em assuntos domésticos, o que refletiu no decréscimo dos fluxos da ajuda ao desenvolvimento [21].

A ajuda brasileira é provida de forma descentralizada e com pouca coordenação, já que muitas outras instituições governamentais participam como atores da cooperação independentemente da ABC, como por exemplo, o Ministério da Saúde, da Agricultura e da Educação, Ciência e Tecnologia [21]. Esse quadro acaba por dificultar o monitoramento e a avaliação dos esforços da cooperação brasileira.

A cooperação brasileira é dividida nos seguintes setores: gastos com organismos internacionais, cooperação para operações de manutenção da paz, cooperação humanitária, cooperação técnica, cooperação educacional, cooperação científica e tecnológica e a cooperação para o apoio e proteção a refugiados [22].

5.2. Cooperação Indiana

O *Development Administration Partnership* (DPA), englobado no Ministério das Relações Exteriores da Índia, é o órgão que lida com o crescente número de projetos destinados à ajuda ao desenvolvimento. Atualmente, o DPA tem três divisões. O DPA I lida com linhas de crédito, projetos de concessões no leste, sul e oeste da África, assim como projetos de concessões em Bangladesh e um projeto de habitação no Sri Lanka. O DPA II cuida de treinamento tanto de civis, relacionado à educação, quanto de militares, através do *Indian Technical and Economic Cooperation* e do *Special Commonwealth Assistance for Africa Programme* – com cerca de 160 países parceiros, através de dezenas de instituições. Também cuida de projetos de concessões no Sudeste Asiático, Ásia Central, Ásia Ocidental e em países da América Latina. Por fim, o DPA II também lida com alívio às emergências e desastres humanitários. Já o DPA III lida com a implementação de projetos de concessão em países como Afeganistão, Maldivas, Mianmar, Nepal e Sri Lanka [23].

Junto ao DPA, o Departamento de Relações Comerciais (DEA), englobado no Ministério das Finanças, é também um instrumento para a cooperação para o desenvolvimento indiana. O DEA oferece apoio em relação à equalização de juros ao Banco de Exportação e Importação da Índia (*India Exim Bank*). O *Exim Bank*, por sua vez, oferece linhas de créditos para os países parceiros da Índia através do DPA. As linhas de crédito fazem parte do objetivo de construção de capacidades, transferência de habilidades, comércio e desenvolvimento de infraestrutura para os países parceiros [24].

5.3. Cooperação Chinesa

As instituições governamentais que lidam com a cooperação para o desenvolvimento chinesa são várias. O Ministério do Comércio lida com assistência humanitária, subsídios e empréstimos sem juros. O Ministério das Finanças é responsável pelas contribuições para organismos internacionais, além de supervisionar a concessão de empréstimos concessionais e de créditos de exportação através do Banco de Exportação e Importação da China (*China Exim Bank*). O Ministério das Relações Exteriores supervisiona se a ajuda ao desenvolvimento

chinesa está alinhada à política externa do país. Outros ministérios também atuam, como o Ministério da Saúde, que lida com cooperação médica [21].

Quanto aos setores, segundo o mais recente livro branco sobre a cooperação chinesa, esta envolve a transferência de produtos e materiais, cooperação técnica, treinamento de recursos humanos, cooperação médica, alívio de dívida, cooperação humanitária e programas de voluntariado [26].

Os destinos da ajuda são, praticamente, todo o mundo em desenvolvimento, tirando aqueles países que preferem manter relações com Taiwan em vez da China¹⁰. Segundo o livro branco da cooperação chinesa de 2011, publicado pelo governo chinês, e considerando a cooperação até 2009, 45,7% da ajuda vai para a África, 32,8% para a Ásia e 12,7% para a América Latina [27].

O *Think Tank American Enterprise Institute*, dos Estados Unidos, realizou um levantamento para tentar mensurar a cooperação chinesa, porém apenas nos quesitos de investimento e construções em geral. Considerando o globo todo, os investimentos e construções realizados pela China valem um pouco mais de 1,6 trilhões de dólares entre os anos de 2005 e 2017. O setor de energia é o que mais se destaca, tendo o valor dos investimentos e construções nesta área alcançado quase 630 bilhões de dólares [28].

5.4. Cooperação Sul-Africana

A instituição para a cooperação para o desenvolvimento da África do Sul é o *African Renaissance Fund* (ARF), criado em 2000, sendo este um fundo de desenvolvimento. No ato de criação do ARF, foi citado que seu propósito é de aumentar a cooperação entre a África do Sul e outros países, em especial países da África, através da “promoção de democracia, boa governança, prevenção e resolução de conflitos, desenvolvimento socioeconômico, assistência humanitária e desenvolvimento de recursos humanos” [29].

Em 2010, foi criada a *South African Development Partnership Agency* (SADPA), que no futuro irá assumir o papel do ARF. Como missão, a SADPA irá direcionar a cooperação para o desenvolvimento da África do Sul de modo a seguir uma agenda africana, atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e aprimorar as relações internacionais do país [30].

Quanto aos setores da cooperação para o desenvolvimento, os setores principais da ajuda da África do Sul são o *institution-building*, o *peacekeeping* e o desenvolvimento pós-conflito. Por fim, quanto aos recebedores da ajuda mais importantes, de 2005 a 2010, foram a República Democrática do Congo, Guiné, Zimbábue, Lesoto, Comores, Libéria, Sudão, Uganda, Burundi e Seicheles [21].

6. Conclusão

Analisando a possibilidade de crescimento e intensificação da participação da CSS na CID em tempos de um novo conservadorismo global, este trabalho, em primeiro lugar, definiu o que é o conservadorismo mencionado. Depois, foi analisada a cooperação dos países da OCDE, envolvendo fluxos de ajuda oficiais, os setores da ajuda e os principais destinos, além de considerações sobre outros tipos de ajuda diferentes da AOD – utilizando como exemplo os casos do Reino Unido, Suécia, Alemanha e Estados Unidos. O mesmo foi feito para Cooperação Sul-Sul, na qual o foco foi dado à cooperação dos BRICS, em especial Brasil, Índia, China e África do Sul, já que a Rússia reporta seus fluxos de cooperação para a OCDE.

¹⁰ Os países que preferem manter relações diplomáticas com Taiwan são: Belize, Burkina Faso, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão, Kiribati, Nauru, Nicarágua, Palau, Paraguai, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suazilândia e Tuvalu [25].

O novo conservadorismo é um fenômeno que existe na retórica de importantes líderes políticos dos quatro países da OCDE aqui analisados – e, para além da retórica, foi visto que os representantes desse conservadorismo estão ganhando espaço no poder legislativo desses países. Mesmo não havendo quedas expressivas nos fluxos de ODA, o conservadorismo nas câmaras legislativas sinaliza que perdas para a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento da OCDE ainda podem estar por vir – as perspectivas futuras para a ODA confirmam essa possibilidade, já que em cada país-exemplo os precursores do novo conservadorismo global anunciaram a possibilidade de cortes na ajuda para o desenvolvimento ou mudanças significativas sobre como ela é utilizada.

Uma importante observação foi feita sobre a aparente estabilidade (e inclusive aumento) dos fluxos de ODA: os gastos com refugiados dentro dos próprios territórios dos países aumentou, significando que importantes quantidades dos fluxos de ODA não chegam a sair do território de origem. Essa realidade é mais visível especialmente nos casos da Suécia e da Alemanha – em 2015, 33,80% da ODA foi usada dessa maneira na Suécia e, em 2016, 25% no caso da Alemanha¹¹. Ainda, foi visto que os fluxos para a África e para os países menos desenvolvidos (LDCs) chegaram a diminuir de 2015 para 2016 – uma diminuição de 3,5% da ODA para os países menos desenvolvidos e de 0,5% para a África [31]. A análise desses dados demonstra a relevância de destrinchar as informações sobre os fluxos de ODA, que demonstrou ser importante para avaliar melhor o impacto do novo conservadorismo global sobre a cooperação dos países da OCDE.

Dado a complexa situação da ODA – de aparente expansão, mas com ressalvas a sua composição e com possíveis efeitos mais incisivos por vir que podem causar uma queda – há, de fato, uma oportunidade para os BRICS e para a Cooperação Sul-Sul intensificarem sua participação no desenvolvimento dos países do Sul.

Como demonstrado neste trabalho, a cooperação de cada país do BRICS (exceto a Rússia) apresenta particularidades: enquanto que a concessão de empréstimos e a oferta linhas de crédito são feitas em grande escala por Índia e China, no Brasil se destacam as grandes contribuições para organizações multilaterais e a cooperação para manutenção da paz (em especial a *Minustah*), e na África do Sul o foco é em uma cooperação para uma África mais próspera e justa.

A cooperação da Índia e da China expandiu em volume, chegando em 2015 a 1,8 bilhões e 3,1 bilhões de dólares, respectivamente. Por outro lado, a cooperação brasileira e a sul-africana, apresentaram ligeiras quedas em seus números, demonstrando que, diferentemente dos outros dois parceiros, não estão aproveitando a oportunidade de intensificação da participação na cooperação internacional para o desenvolvimento.

Outras características da cooperação desses países impedem que sua participação na CSS se intensifique: a falta de centralização na provisão da cooperação – como acontece quando vários órgãos do governo participam da cooperação – acaba por minar a capacidade institucional dos BRICS, impedindo melhor análise de dados, acompanhamento de projetos, monitoramento e avaliação e coordenação com países parceiros [32]. Consequentemente, sem um bom monitoramento e uma boa avaliação, dificilmente os pontos fracos da cooperação serão identificados, para assim os processos serem otimizados, beneficiando o desenvolvimento dos países do Sul. Além disso, a falta de transparência sobre os dados da cooperação impede a sua legitimidade, ao passo que a disponibilização dos dados oferece a possibilidade de prestação de contas perante as sociedades domésticas e dos países parceiros [33]. A grande dificuldade de acesso a esses dados prova esse cenário, especialmente a inexistência de dados concretos

¹¹ Dados da seguinte plataforma da OCDE: <http://stats.oecd.org/qwids/#?x=1&y=6&f=4:36,2:1,3:51,5:3,7:2&q=4:1,36+2:1+3:51+5:3+7:1,2+1:9,10,21,23,24+6:2010,2011,2012,2013,2014,2015,2016>.

oficiais sobre a cooperação chinesa – sobre a qual os pesquisadores precisam se basear em estimativas.

Mesmo diante de vários desafios, faz muito sentido para a CSS aproveitar a oportunidade de intensificar sua participação na cooperação internacional para o desenvolvimento. Em tempos de novo conservadorismo global, quando países do Norte colocam os interesses políticos e econômicos domésticos em primeiro lugar através de políticas protecionistas e nacionalistas, a Cooperação Sul-Sul tem a vantagem de oferecer ajuda internacional a partir de doadores que compartilham as dificuldades de ser um país em desenvolvimento.

Fica evidente por ora que, pela lógica dos princípios da Cooperação Sul-Sul, como a solidariedade e a autonomia, a cooperação para o desenvolvimento será mantida e até intensificada diante da possibilidade de queda da ajuda provida pelos doadores da OCDE.

Referências

1 - THE GUARDIAN. **The full text of Donald Trump's inauguration speech**. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/jan/20/donald-trump-inauguration-speech-full-text>>. Acesso em: 16 jun 2017.

2 - CNN. **Trump's budget by the numbers: What gets cut and why**. 2017. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/05/23/politics/trump-budget-cuts-programs/index.html>>. Acesso em: 27 out 2017.

3 - BONIKOWSKI, Bart; GIDRON, Noam. **Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda**. Weatherhead Center for International Affairs, 2013. Disponível em: <https://scholar.harvard.edu/files/gidron_bonikowski_populismlitreview_2013.pdf>. Acesso em: 06 jul 2017.

4 - **Sweden Democrats Jimmie Åkesson - Full Speech in Almedalen (English Subtitles)**. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/2-AigAG3T_g>. Acesso em: 16 jun. 2017.

5 - **Plan for Britain: Prime Minister's speech on Brexit negotiating objectives**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rOkH7LCFCwA>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

6 - CNN. **Far-right party wins seats in German parliament for first time in decades**. 2017. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/09/24/europe/germany-far-right-party-election/index.html>>. Acesso em: 26 out 2017.

7 - ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. New York: Verso, 2008.

8 - APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: FEATHERSTONE, Mike. (Ed.). **Global Culture – Nationalism, Globalization and Modernity**. Londres: Sage, 1990. p. 295-310.

9 - THE TELEGRAPH. **Co-founder of far-Right AfD party says Germany should be proud of its Second World War soldiers**. 2017. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2017/09/15/co-founder-far-right-afd-says-germanyshould-proud-second-world/>>. Acesso em: 26 out 2017.

10 - RODRIK, Dani. **Has Globalization Gone Too Far?** Washington D.C.: Institute for International Economics, 1997. Capítulo 1.

11 - BBC. **German election: How right-wing is nationalist AfD?** 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-37274201>>. Acesso em: 26 out 2017.

12 - THE LOCAL. **Anti-immigration Sweden Democrats overtake Moderates as Sweden's second-largest party: poll.** 2017. Disponível em: <<https://www.thelocal.se/20170601/anti-immigration-sweden-democrats-overtake-moderates-as-swedens-second-largest-party-poll>>. Acesso em: 08 dez 2017.

13 - OCDE. **Official development assistance – definition and coverage.** 2017a. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dac/stats/officialdevelopmentassistancedefinitionandcoverage.htm>>. Acesso em: 27 out 2017.

14 - _____. **About the OECD.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.oecd.org/about/>>. Acesso em: 10 dez 2017.

15 - _____. **In-donor refugee costs in ODA, 2016.** Disponível em: <<http://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/In-donor-refugee-costs-in-ODA.pdf>>. Acesso em: 10 nov 2017.

16 - _____. **Aid (ODA) by sector and donor.** 2017. Disponível em: <<http://stats.oecd.org/viewhtml.aspx?datasetcode=TABLE5&lang=en>>. Acesso em: 27 out 2017.

17 - SVERIGES RADIO. **Sweden Democrats present shadow budget and call for border controls.** 2015. Disponível em: <<http://sverigesradio.se/sida/artikel.aspx?programid=2054&artikel=6269209>>. Acesso em: 27 out 2017.

18 - THE INDEPENDENT. **Conservative manifesto 2017: Teories open door to changing definition of international aid.** 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/conservative-manifesto-2017-international-aid-definition-7-per-cent-target-general-election-foreign-a7742526.html>>. Acesso em: 27 out 2017.

19 - DEUTSCHE WELLE. **Germany's populist AfD party seeks to reboot migrant fears.** 2017. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/germanys-populist-afd-party-seeks-to-reboot-migrant-fears/a-40176414>>. Acesso em: 27 out 2017.

20 - OCDE. **Development Cooperation Report 2017 - Profiles of other development cooperation providers.** 2017. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/4317041ec043.pdf?expires=1510628046&id=id&accname=guest&checksum=5333660F95A43BC62E6CC0B8E1E4DD54>>. Acesso em: 30 out 2017.

21 - ASMUS, Gerda; FUCHS, Andreas; MULLER, Angelika. **BRICS and Foreign Aid.** 2017. Disponível em: <http://docs.aiddata.org/ad4/pdfs/wps43_brics_and_foreign_aid.pdf>. Acesso em: 31 out 2017.

22 - IPEA. **Cooperação Brasileira para o Desenvolvimento Internacional: 2011-2013.** 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28542>.

Acesso em: 27 out 2017.

23 - MINISTRY OF EXTERNAL AFFAIRS. **Development Partnership Administration**. 2017. Disponível em: <<http://www.mea.gov.in/development-partnership-administration.htm>>. Acesso em: 03 nov 2017.

24 - EXIM BANK. **Lines of Credit**. 2017. Disponível em: <<https://www.eximbankindia.in/lines-of-credit>>. Acesso em: 04 nov 2017.

25 - BBC. **Taiwan: How China is poaching the island's diplomatic allies**. 2017b. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-asia-40263581>>. Acesso em: 11 dez 2017.

26 - REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **China's Foreign Aid (2014)**. 2014. Disponível em: <http://english.gov.cn/archive/white_paper/2014/08/23/content_281474982986592.htm>. Acesso em: 12 dez 2017.

27-_____. **China's Foreign Aid**. 2011. Disponível em: <https://www.unicef.org/eapro/China_White_Paper_on_Foreign_Aid.full_text.pdf>. Acesso em: 11 dez 2017.

28 - AEI. **China Global Investment Tracker**. 2017. Disponível em: <<http://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>>. Acesso em: 04 nov 2017.

29 - REPUBLIC OF SOUTH AFRICA. **African Renaissance and International Co-operation Fund**. 2000. Disponível em: <https://www.gov.za/sites/default/files/a51-00_0.pdf>. Acesso em: 05 nov 2017.

30 - PMG. **South African Development Partnership Agency (SADPA): progress report**. 2016. Disponível em: <<https://pmg.org.za/committee-meeting/22022/>>. Acesso em: 05 nov 2017.

31 - OCDE. **Development aid rises again in 2016 but flows to poorest countries dip**. 2017. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dac/development-aid-rises-again-in-2016-but-flows-to-poorest-countries-dip.htm>>. Acesso em: 10 nov 2017.

32 - MELLO, Fátima. **BRICS e Cooperação para o Desenvolvimento Internacional**. 2015. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/livros/2015/brics-e-cooperacao-para-o-desenvolvimento-internacional/view>>. Acesso em: 26 nov 2017.

33 - SILVA, Daniel; SUYAMA, Bianca; WAISBICH, Laura. **Monitoring and Measuring of South-South Cooperation Flows in Brazil**. 2017. Disponível em: <<http://articulacaosul.org/wp-content/uploads/2017/04/Briefing-1.pdf>>. Acesso em: 26 nov 2017.